

Jardins em movimento: som, corpo e circulação cultural no MAM¹

Anna Beatriz Moreira Mororó²

Alison Cardoso Brandão³

Luana Ribeiro Rodrigues de Medeiros⁴

Heloise Barreiro Campos⁵

Cíntia Sanmartin Fernandes⁶

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM - como um espaço comunicante em que diversos grupos produzem múltiplas sonoridades, danças e sentidos, transformando-o em um jardim polifônico (Canevacci, 1993) e multicóporo. Com base em pesquisa de campo corpográfica (Jacques, 2012; Careri, 2013), acompanhamos os rastros dos atores humanos e não humanos em suas associações, e adotando os protocolos de pesquisa sugeridos pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), utilizada aqui como principal referência teórico-metodológica. As performances analisadas redesenham territorialidades e ambiências ao interagir sensivelmente com a arquitetura e o cotidiano do espaço do museu, esboçando outros imaginários para a cidade.

Palavra-chave: som; música; dança; cidade; performance; ambiências.

Introdução

Entre os cinzas e alaranjados dos edifícios e morros, divididos pelos verdes da flora da Mata Atlântica e o azul do céu refletido nas águas do mar, encontra-se uma cidade do Rio de Janeiro que é atravessada por múltiplas cores, texturas e sons, principalmente no que tange os diversos movimentos sônico-musicais que a compõem.

Em nossa pesquisa, a partir das relações entre comunicação, arte e cidade, buscamos sempre pensar a urbe como um ser disfórico, vivo e potente, e que em suas

¹ Trabalho apresentado IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: abmoreira.m@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: alisonbrandao22@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: luanarodrigues0802@gmail.com

⁵ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: heloisebarreiro15@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho e professora associada da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, pesquisadora CNPq e Prociência UERJ, e-mail: cintiasan90@gmail.com

rupturas assume diversos papéis, cores e identidades. Arelada à música, o Rio plural tem em suas veias uma extensa camada de ritmos e estilos que transformam e fomentam a cena festiva da cidade. Do samba, jazz e charme ao *ballroom* e forró, os lugares públicos da metrópole — principalmente aqueles que encontram-se na região central — são polos muito interessantes das relações entre a música e os fenômenos comunicacionais. Como em pesquisas anteriores, seguimos buscando compreender as experiências musicais vivenciadas no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Nessa cidade musical (Herschmann; Fernandes, 2014 e Fernandes; Herschmann, 2018), utilizando o método da deriva (Jacques, 2012) e direcionando nossos olhares para as brechas dadas pela construção dos espaços urbanos, entendemos que o jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) tem desempenhado um papel significativo na construtibilidade de um espaço em que a arte em suas várias expressões comunica outros modos de viver e experienciar a cidade.

Essa pesquisa é um primeiro olhar para o que estamos buscando compreender sobre o espaço do MAM. No primeiro momento, a curiosidade nos permite explorar a complexidade do ambiente com calma e sutileza, a partir dos diversos grupos que ocupam a parte externa do museu. Para isso, usamos os métodos corpográficos (Jacques, 2012; Careri, 2013), acompanhando os rastros dos atores humanos e não humanos em suas associações tanto perenes como efêmeras (Latour, 2012). Tendo em mente a Teoria Ator-Rede, buscamos compreender a utilização dos espaços públicos da cidade por meio de recursos metodológicos, como registros audiovisuais e entrevistas semi estruturadas com atores, ressaltando a importância da ocupação desses espaços e entendendo que esses grupos atuam como agentes de transformação e ressignificação de diversos locais da cidade. Consideramos que esses gestos de “a(r)tivismo” (Fernandes all., 2022) têm um papel importante nas políticas de visibilidade e inclusão no que diz respeito ao direito à cidade.

Esse olhar atento às práticas e ocupações nos leva a considerar também o lugar físico onde tudo acontece: o próprio MAM. Fundado em 1948, no aterro do Flamengo, o museu fica localizado entre os prédios que chegam do Centro da Cidade e a Baía de Guanabara. Com localização privilegiada nesse ponto de encontro entre o urbano e a paisagem natural, o projeto arquitetônico foi realizado por Affonso Eduardo Reidy, com jardins de Roberto Burle Marx, nomes importantes durante o processo de modernização

da cidade do Rio. Sua estrutura interna é composta por “janelas” que vão do teto ao chão, e parte externa dividida por colunas, o projetando ao encontro da natureza, não se isolando do mundo exterior. Sendo assim, ele se distingue de estruturas usuais de museus, nas quais há o confinamento das obras de artes em quatro paredes. O MAM, ao contrário, se abre para a cidade e para os grupos que passam a fazer parte daquele espaço.

Em um sábado de errância no Rio de Janeiro, como uma tentativa de apreender as interações entre corpo e cidade, nos deparamos com diversas neotribos⁷ (Maffesoli, 1998) usando o espaço conhecido como “jardins do MAM”⁸.

No decorrer desse artigo, compartilhamos nossas experiências no MAM e, em diálogo com os grupos que o ocupam, desenvolvemos uma análise sobre as performances artísticas, a construção de territorialidades e as ambiências. Essa reflexão se apoia em nossas leituras acadêmicas e nas trocas com os próprios atores, buscando dar visibilidade a outras formas de vivenciar a cidade e ao papel das rupturas cotidianas nas dinâmicas do convívio social.

Performances artísticas e construções de territorialidades no MAM

O chão liso, as janelas espelhadas e os pilotis que sustentam a arquitetura do museu permitem a delimitação de espaços e a emulação de salas de dança, funcionando perfeitamente para os diferentes coletivos que coabitam naquele território. A partir de conversas com os atores e de observações pessoais, propomos enxergar o MAM por meio dos múltiplos grupos que se apropriam daquele território e se “lugarizam” (Santos, 2002).

É importante pensar nessa multiplicidade de lugares, tanto a partir da relação entre as exposições formais da parte interna do museu e as práticas culturais que ocorrem na parte externa, quanto pela formação de diversos jardins polifônicos⁹

⁷ Maffesoli (1998) desenvolve o conceito de tribo no intuito de caracterizar com mais acuidade as relações contemporâneas. Em contraponto à noção das coletividades bem definidas e estáveis que levam em consideração os marcadores modernos, a tribo viria a privilegiar o campo mais sensível e volátil das relações sociais. O ambiente contemporâneo se caracterizaria assim pela ênfase no momento vivido e na pluralidade das práticas cotidianas, fazendo sucumbir os aspectos da moral e do individualismo moderno. Este conceito é decisivo para a compreensão das experiências temporárias festivas, por propor análises que se distanciam da identidade estanque e privilegiam as sociabilidades articuladas nas zonas de contato efêmeras.

⁸ Espaço que se refere à área externa do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

⁹ O termo “jardim polifônico” é uma apropriação inspirada na noção de “polifonia urbana” desenvolvida por Massimo Canevacci, que entende a cidade como um espaço de múltiplas vozes, práticas e sensibilidades que

(Canevacci, 1993) dentro do jardim do MAM. Se pensarmos a cidade do Rio de Janeiro sob a lógica de um arquipélago, ilhas-rede, em vez de uma unidade centro-periferia (Fernandes; Belart; Barroso, 2024), percebemos que o MAM opera em uma dinâmica semelhante. Os grupos, que usam da arquitetura para se dividir no espaço, são como ilhas-rede devido a multiplicidade de sons, imagens, sentidos e corpos que contribuem para a construção de múltiplas territorialidades naquele espaço.

Para compreender o que é o Museu de Arte Moderna do Rio, para além de sua visão institucional, buscamos inicialmente identificar e nos familiarizar com os atores que usam aquele ambiente para festa e criação e, através de algumas derivas (Jacques, 2012) e trocas, entramos em contato com o grupo cover de K-pop Nymph, formado por seis integrantes de diferentes coletivos que também ensaiam no museu, mas uniram-se para um outro projeto específico. Isso reforça, mais uma vez, o MAM como espaço de hibridismo cultural, em que formas diferentes de cultura se misturam e se transformam, seja por contato ou conflito (Canclini, 1997). Esse novo coletivo nos contou que alguns de seus membros ensaiavam anteriormente no estacionamento de um supermercado na Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, até serem expulsos em razão da crescente popularização do local. Um dos líderes do grupo já conhecia os jardins do MAM e através das redes sociais a fama dele se expandiu, passando a ser utilizado em 2018 como sala de ensaio para vários coletivos.

Mais do que a ocupação do espaço público para fins pessoais, os grupos passam a existir como uma obra artística para além das paredes fechadas do museu. Nesse sentido, os frequentadores do museu, transeuntes e, até mesmo, outros grupos tornam-se espectadores-participantes da dança, música e práticas artístico-culturais que ali acontecem. Falamos em espectadores-participantes porque os próprios grupos enfatizam a importância de coexistirem como parte fundamental de sua presença. A co-criação e a sensação de segurança proporcionada pela democratização do espaço funcionam como catalisadores: manhãs e tardes no MAM estão quase sempre ocupadas, com uma constante rotação de coletivos que torna o lugar ainda mais diverso. No MAM, na medida em que os corpos se apropriam desse território, produzindo novos sentidos e interações com o ambiente, eles formam novos lugares (Santos, 2002), um arquipélago de coexistências culturais.

coexistem e se entrelaçam na construção da experiência urbana. No MAM, a polifonia se desenvolve no encontro de sons, ritmos, corpos e vozes captadas naquele espaço.

Segundo Marie Nogueira, professora do coletivo Forró de Rua RJ¹⁰, que ministra suas aulas aos sábados no MAM:

O MAM mescla muito a parte densa do cimento, concreto e das geometrias junto com essa parte arborizada. Então é um legado que a gente tem na cidade [...] É meio que uma confluência dos nossos corpos diversos com esse espaço que também é diverso, e mescla pedras, cimentos, árvores, sombras e sol, ponto turístico ao fundo. É um ambiente que nos deixa tão confortável que se deixar a prática fica rolando até 15h e a gente nem sente.¹¹

A escolha do MAM por diversos grupos artísticos, como forró, samba, *cheers* e *k-pop*, está diretamente ligada à acessibilidade do espaço. Sua localização central e caráter público reforçam uma dinâmica essencial de ocupação urbana por meio da arte e da festa, aspecto central ao grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade - CAC¹². Além disso, a organização do museu permite livre acesso a banheiros e bebedouros, proporcionando aos coletivos um ambiente mais confortável para ensaios — algo que em outros locais não seria possível devido à burocracia e aos altos custos de aluguel de salas de dança. É importante salientar, porém, que essa concessão do MAM não é oficialmente institucionalizada e ocorre por meio de um acordo oral entre a organização e os grupos que utilizam a parte externa do museu.

Os coletivos também enfatizam a importância de ampliar essa ocupação e da relação do museu com expressões artísticas tanto dentro quanto fora de seus espaços fechados. Durante a entrevista com o grupo de K-pop, era possível ouvir a caixa de som de outro grupo, e, ao redirecionar o microfone, os sons das aulas de forró se misturavam à gravação. Essa sobreposição de ritmos simultâneos revela não apenas a diversidade dos grupos, mas também a própria identidade do MAM como um lugar em que o “barulho” cria novas formas de interligações sociais (Bioletto-Bueno, 2022, p. 371). As vozes dos dançarinos, crianças praticando esportes, músicas, transeuntes e espectadores do museu criam um encontro sonoro único, permeando o espaço com diferentes musicalidades.

¹⁰ As atividades do grupo podem ser acessadas em @forroderuarj

¹¹ Entrevista concedida para a pesquisa em 15/03/2025

¹² O Grupo de Pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade é vinculado à linha de pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ).

Nesse sentido, essa polifonia que envolve o MAM “perturba alguns dos simbolismos” associados ao espaço (Bieletto-Bueno, 2022) de um museu e desafia a convenção de organização social e poluição sonora - ou seja, excesso de sons ou ruídos indesejados que causam desconforto - os múltiplos sons e ruídos, na verdade, ampliam a arte e reconfiguram o espaço, produzindo ambiências e experiências sensoriais distintas.

Ambiência e experiências sensoriais

Tendo como ponto de partida a própria estrutura do museu e sua localização, pode-se pensar o jardim do MAM como um espaço que traz experiências sensíveis àqueles que o usufruem. As músicas misturadas, a brisa da baía, o calor do sol, os risos, os corpos em movimento, o verde das árvores fazem com que a experiência sensorial do ambiente seja impactada e compreendida pelos ocupantes de forma individual, mas, ainda assim, formando uma sensibilidade coletiva polifônica. Essa vivência mostra que a cidade é percebida tanto pelos olhos quanto pela pele, pelos ouvidos, pelo tato e pelo afeto.

Sentir o espaço dessa forma cria uma relação afetiva com ele, pois os sentidos são o pano de fundo da experiência do habitar (Thibaud, 2010); assim, tornam-se imprescindíveis no processo de territorialização dos corpos naquele espaço. Habitar, aqui, não é apenas estar fisicamente presente, mas construir sentidos a partir da convivência com o espaço. O jardim do MAM, nesse sentido, não é um anexo ao museu, mas um território habitado no tempo presente, onde a arte se confunde com o cotidiano e os corpos fazem da permanência uma forma de expressão.

O conjunto dos estímulos sensoriais (como os sons, luzes, movimentos) somados aos sentimentos construídos pelos indivíduos (as memórias com o espaço, sensação de pertencimento, construção de coletividade) é o que gera a noção de ambiência. No MAM, isso ocorre de maneira particular. Ao ouvir as músicas paralelas, não é somente o som que atinge, mas os ritmos juntos que atravessam o corpo. Seja por quem estiver passando pelo museu ou os próprios grupos que o ocupam, a energia latente que o jardim produz faz com que essas pessoas se sintam vivas e participantes dessa produção.

Assim, ao invés do museu ser enquadrado como um local medido, controlado e racionalmente pensado, a ambiência vai nos dizer que aquele espaço surge através da vivência do corpo e dos sentidos, tornando-se um lugar que respira a criação de coisas novas e estimula o imprevisto — mesmo que de forma indireta — provocando a sensação de pertencimento. Toda essa forma de perceber o espaço acaba compondo um imaginário urbano que reforça a sensação da construção de uma identidade cultural (Hall, 2000)

No MAM, encontramos na prática o que Stuart Hall disserta em sua obra *Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2000). O Rio de Janeiro é tão experimental em sua formação cultural, que exercemos o poder de hibridizar diversos ritmos. Aqui, se rompe a construção de identidade cultural com algo fixo, pré-existente. Pelo contrário, a diáspora é tão potente que exercemos a habilidade de, através das diferenças, fragmentar, multiplicar e hibridizar, transformando algo em brasileiro. O grupo cover de Kpop Nymph, que foi entrevistado pelo CAC e citado anteriormente no texto, fez um *remix* de uma canção de K-pop, “Touch”, do grupo Katseye, com “Tremendo vacilão”, da cantora Perlla. O grupo comentou que o k-pop dá a liberdade de exercer a interculturalidade (Canclini, 1997), em que as barreiras homogêneas que delimitam o que é uma determinada cultura, são quebradas e a fusão de diversas manifestações enriquece a performance. A similaridade entre “Tremendo Vacilão” e “Touch” possibilita que, dentro da composição artística, elas tenham a liberdade de misturar os ritmos e dar uma nova experiência às canções.

Diante disso, o que se observa no MAM é a materialização de um espaço atravessado por dinâmicas culturais híbridas (ibid), onde as fronteiras entre o global e o local, o popular e o institucional, tornam-se cada vez mais finas. As práticas que emergem desse contexto não apenas reafirmam a potência da interculturalidade, como também revelam como os sujeitos, a partir de suas próprias referências e repertórios, criam novos sentidos para o espaço, contribuindo para a produção de outras territorialidades e experiências sensíveis na cidade.

Considerações finais

A ocupação do jardim por expressões plurais de ritmos nos leva à compreensão de que o espaço não é apenas físico, mas praticado através da ação (Certeau, 1994). Ao observar o modo como os corpos se movimentam, repousam e se expressam, torna-se evidente uma produção do espaço que foge à lógica da cidade planejada; os grupos inventam formas próprias de estar e habitar. Michel de Certeau, ao refletir sobre a cidade e suas práticas cotidianas, propõe que há uma diferença entre os espaços controlados daqueles vividos, afirmando que é na experiência do uso que o espaço ganha significado. No MAM, esse espaço vivido é construído a partir das táticas do viver (ibid), ou seja, maneiras criativas de reapropriação, feitas com pequenos movimentos e usos inesperados. São práticas que transformam a rigidez institucional em um território vivo, que vibra junto com os sujeitos que ali se encontram. Assim, o museu se torna mais do que arquitetura, sendo atravessado por experiências sensíveis que o remontam cotidianamente.

Os pontos abordados neste artigo são parte de uma pesquisa mais ampla e ainda em desenvolvimento, realizada pelo grupo de pesquisa CAC, que busca estudar o MAM como um espaço polifônico e palco para práticas artísticas, culturais e interculturais — ações que reinventam e ressignificam as ruas e os espaços urbanos do Rio de Janeiro. Nosso foco está em atividades pouco visíveis, mas fundamentais para pensar no cenário de desenvolvimento da metrópole, no envolvimento profundo de seu território (Krenak, 2020), suas potências e suas formas de vida, conectando-se com o que pulsa fora do radar, como as expressões musicais subterrâneas e os gestos cotidianos que dão forma à cidade.

Referências

BIELETTO-BUENO, N. **Música e som em artivismos urbanos**. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin... [et al.]. *Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências*. 1a. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2022. P. 253 a p.373

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DURAND, G. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

FERNANDES, C. S.; BELART, V. ; BARROSO, F. M. **Cidades Arquipelagos: a mutabilidade constante das conformações dos espaços pelas experiências sonoro-musicais**. In: Micael Herschmann; Cíntia Sanmartin Fernandes; Jêder Janotti Junior; Jorge Cardoso Filho; Simone Luci Pereira. (Org.). **Cidades Musicais (In)visíveis**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2024, v. 1, p. 177-196.

FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M. (Org.) ; ROCHA, R. M. (Org.) ; PEREIRA, S. L. (Org.) **A(r)tivismos Urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2022. v. 1. 478p.

FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M. (Orgs.) **Cidades Musicais: Comunicação, Territorialidade e Política**. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2018.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERSCHMANN, M. ; FERNANDES, C.S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.

JACQUES, P. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.

THIBAUD, JP. **A cidade através dos sentidos**. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 2012, 18, pp.1-16.